

Colleen Gleason

# ERGUE-SE A NOITE

Crônicas Vampíricas de Gardella

TRADUÇÃO

Mirian Ibañez



# 1



## Como a arma de *Lady Rockley* tornou-se perigosamente ineficaz

Vitória apertou a estaca cinza entre seus dedos, mais por hábito do que necessidade, e observou o canto de tijolos. Estava escuro e úmido, como Londres costumava ser depois da meia-noite e, além da área mais segura delimitada pela Drury Lane, as ruas eram repletas de lixo e refugos, com gente como ladrões ocasionais, prostitutas e outras pessoas desonestas.

Infelizmente, nenhuma dessas pessoas estava causando danos, remexendo nos bolsos dos outros ou mordendo pescoços.

Havia se passado um ano desde a morte de Filipe, e Vitória voltara às ruas à caça de vampiros pela primeira vez, desde a noite em que removera sua *vis bulla*. Passara os últimos doze meses praticando suas técnicas de luta e aprendendo a controlar a raiva e a tristeza, pois foi a ausência desse cuidado que a levava a quase matar um homem em St. Giles. Ela queria se assegurar de que estava, de fato, pronta e capaz de controlar

aquelas emoções, antes de recolocar seu amuleto de força. A cruz de prata tremeu no buraco de seu umbigo, quando ela estava caminhando, e Vitória se sentiu completa outra vez. Estava pronta, sim.

Foi isso que a levou às ruas naquelas horas tardias da noite, a estaca em uma das mãos, a pistola, na outra. Em busca de algo a fazer. Alguém para salvar.

Ela jamais pararia de procurar alguém para salvar.

Vitória sacudiu a cabeça abruptamente, para se livrar de lembranças e afastar a culpa que ainda se manifestava em seu íntimo. Sua têmpora se arranhou ao atritar-se com a parede de tijolos, espalhando caquinhos de argamassa no chão e provocando uma dor incômoda em sua pele. E ela voltou seus pensamentos para o que deveria fazer agora.

Barth não tardaria a chegar com a carruagem para buscá-la, levando-a de volta ao casarão vazio e cheio de ecos conhecido como St. Heath's Row, onde ela continuaria a viver até a chegada do novo marquês, que estava em algum lugar da América e ainda não havia sido localizado.

Tão logo ela pensou nisso, a carruagem em questão virou a esquina e foi se aproximando até parar, mais devagar do que costumava. Não é que Barth estava dirigindo melhor, mas sim que ele estivera esquadrinhando as ruas, devagar, à procura de Vitória.

Quando ela subiu no veículo, tomou a decisão que vinha adiando por uma semana. — Barth, ainda não estou pronta para voltar à casa... leve-me até St. Giles. Para o Cálice.

E, antes que ele pudesse protestar, ela fechou a porta.

Houve uma pequena demora, como se ele estivesse pensando em argumentar, mas então ela ouviu Barth instigar os cavalos e notou que os animais começavam a se movimentar em

um ritmo constante. Vitória se recostou no assento e tentou não pensar sobre a última vez que estivera no Cálice de Prata. Havia mais de um ano.

Era bem depois da meia-noite, e as ruas de St. Giles estavam desertas. Apenas gente muito louca ou corajosa se aventurava nessa região de Londres durante a relativa proteção da luz do dia; à noite, menos pessoas ainda se atreviam a entrar ali. Enquanto seguiam pela St. Martin Lane e cruzavam a intersecção das sete ruas, um local conhecido como Os Quadrantes, Vitória deu uma olhada em uma delas. Não havia esquecido a rua Great St. Andrews, nem o beco onde ela quase matara o homem. Podia encontrá-lo de novo, em seu sono, embora não conseguisse lembrar do acontecido em todos os seus terríveis detalhes, mas o lugar ficara impresso em seu cérebro.

Talvez algum dia, ela pudesse retornar.

Algumas ruas depois, a carruagem deu um solavanco ao parar, despertando-a da desconfortável lembrança. Pressentindo o movimento, Vitória já havia estendido a mão, para se proteger. Levando consigo a pequena lanterna que ficava no interior do veículo, ela saltou e desapareceu antes que Barth pudesse falar com ela ou segui-la.

Seus passos não faziam ruídos na rua de paralelepípedos, enquanto contornavam pilhas de lixo e saltavam sobre pequenas poças, remanescentes da chuva que caíra no início da noite. O mau cheiro não a incomodava nem os olhos que a espreitavam das sombras.

“Eles que venham!” Ela estava pronta para uma luta.

Ela andava, cruzando e descendo a rua, a cabeça altiva, a mão em sua pistola, as pernas de seus culotes masculinos roçando, levemente, uma na outra, a luz da lanterna transpassando a sombra dela.

Uma bem-vinda brisa de verão trouxe o odor de carcaças podres e de resíduos de animais de volta à sua consciência, depois desapareceu. A parte de trás de seu pescoço se arrepiou ligeiramente, sob o chapéu-coco de castor que ela usava, mais por causa do vento, não como sinal de algum perigo iminente.

Vitória parou em frente do que tinha sido a porta de entrada do Cálice de Prata. Ela não visitava o lugar desde aquela noite em que viera procurar Filipe e, em vez disso, encontrara as ruínas incandescentes do que havia sido um empreendimento que servia a vampiros e seres parecidos com mortais.

Será que ela imaginou ou ainda havia, mesmo, cheiro de carvalho calcinado pairando no ar? Não podia ser, tantos meses depois...

O calafrio voltou a percorrer a parte de trás de seu pescoço.

Ela congelou, parando de respirar para ouvir. Para sentir.

Sim, estava lá, era real, arrepiando os cabelos de sua nuca como um aviso que ela não sentia havia um ano: um vampiro estava próximo. Abaixo.

Agora, com a urgência do pressentimento energizando suas ações, Vitória ultrapassou os parques escombros do batente da porta e começou a descer os degraus para o recinto cavernoso. Ela apalpava as pedras com sua mão esquerda e segurava a lanterna com a direita, iluminando os degraus, repletos de escombros de madeira e pedra. Se ela pudesse caminhar sem luz, teria feito isso, mas ver no escuro não era um dos dons concedidos aos Venadores. Algo do elemento surpresa seria reduzido, mas era melhor isso do que tentar percorrer aquela bagunça sem fazer barulho e na escuridão.

Por milagre, o telhado não desabara integralmente sobre a escada e logo ela chegou ao piso inferior. Vitória parou, escondendo a lanterna atrás de si, para bloquear um pouco a luz, e olhou ao redor do porão sombrio e desforme.

É o que restara do empreendimento de Sebastian.

Embora o calafrio na parte de trás de seu pescoço persistisse, confirmando seu instinto, ela não sentiu nem ouviu nenhum sinal de movimento. Acalmou-se, porque deslizou os dedos para dentro do bolso de seu casaco.

A estaca se moldou, confortavelmente, em sua mão, e ela não a retirou. Apenas manteve a madeira ainda mais apertada, esquentando-a com o calor de seu corpo, e esperou, ouvindo e sentindo. O calafrio no pescoço ficou ainda mais gelado e ela pressentia a proximidade do vampiro e a excitação da iminente batalha. Seu coração começou a bater mais depressa, suas narinas se dilataram, para sentir se havia ou não algum morto-vivo.

Finalmente, certa de que estava sozinha no recinto, Vitória aumentou a intensidade da lanterna. Passando o fecho de luz ao redor, ela constatou a mesma cena de destruição que encontrara meses atrás; mas agora sua mente não estava anestesiada pelo medo e pela apreensão. Podia ver as vigas enegrecidas do teto, as mesas quadradas e os copos estilhaçados... talvez até sentisse um leve cheiro de sangue no ar.

A lanterna balançou, enquanto ela subia em uma cadeira quebrada, e cacos de vidro se esmigalhavam sob seus pés, como cascalho. Ela estava percorrendo a parte mais escura e recôndita do recinto, escondida sob um teto rebaixado. A crescente sensação na parte de trás de seu pescoço lhe dizia que ela estava se deslocando na direção certa.

Sebastian Vioget desaparecera na noite em que o Cálice de Prata se incendiou. Max estivera lá naquela noite, e disse a Vitória que não sabia se Sebastian havia ou não escapado do fogo; e ela sabia que, de qualquer forma, ele não dava a mínima para o que tivesse acontecido.

Vitória sabia que não deveria se importar também, mas não fora capaz de esquecer o homem de cabelos castanho-claros com reflexos acobreados que recebia vampiros em seu estabelecimento. Ele dissera a Vitória, uma vez, que era melhor conhecê-los e oferecer a eles um lugar onde pudessem ser encontrados facilmente, onde suas línguas se soltassem e, assim, seria possível obter informações...

Ela encontrou a porta secreta para o lugar onde Sebastian a levava na primeira noite em que o conheceu. Protegida por um teto baixo e entre paredes de pedra, permanecia quase incólume. Marcada com listras negras, ela estava entreaberta.

E o arrepio em sua nuca tornou-se mais agudo.

Vitória empurrou a porta, deixando a lanterna na entrada do corredor. Sentiu o peso da pistola em seu bolso quando bateu contra a borda de uma pedra; a pistola, inútil contra um vampiro, obviamente, poderia ser usada para outros propósitos. No escuro e apertado corredor, Vitória não podia deixar de lembrar como encarava Sebastian, com a parede de pedra às suas costas e ele próximo demais para sua própria segurança, enquanto ele procurava tirar o chapéu do disfarce masculino que ela usava.

Ele não tentara beijá-la, aquela vez.

Passando bem rápido pelo corredor fracamente iluminado, como se quisesse afastar o pensamento, Vitória caminhou na direção da salinha à esquerda, aquela que Sebastian tinha usado como escritório e área íntima. Ele, ela ou eles... estavam na sala. Seus lábios se curvaram em um sorriso selvagem e a adrenalina acelerou seu pulso. Ela havia sido preparada para isso durante meses.

A porta estava entreaberta, dando a ela a oportunidade de espreitar o que havia dentro do cômodo. Estava iluminado lá

dentro; só uma grande lanterna poderia clarear suficientemente aquele lugar a ponto de permitir que ela observasse o intrincado desenho do brocado do sofá de onde ela estava. Interessante que um ou dois vampiros usassem uma lanterna.

Pelo que pôde ver, da porta entreaberta, o lugar permaneceria intocado pelo fogo, exceto por um ligeiro aroma de fumaça que poderia estar impregnado no sofá e na cadeira estofada. Não havia nenhum sinal de mudança... os livros ainda permaneciam nas prateleiras, as almofadas perfeitamente alinhadas nos móveis... mesmo a bandeja de prata com garrafas de conhaque e xerez estavam no lugar, do outro lado do recinto.

As únicas coisas fora de lugar eram as duas figuras inclinadas sobre a mesa de Sebastian. Ao menos um vampiro.

Retirando a estaca de seu bolso, Vitória a manteve pendendo entre as dobras de seu casaco e entrou no cômodo.

— Boa-noite, cavalheiros — disse enquanto eles se viravam.

— Você está procurando alguma coisa?

Aquele ano de sofrimento a tornara um pouco lenta.

Antes que imaginasse, um deles estava diante dela, com aqueles olhos vermelhos e os incisivos cintilando.

Vitória deu um passo atrás, sentindo a parede às costas e se afastou. Ele a seguiu e ela tropeçou na perna de uma cadeira, quase desabando no chão. O erro fez com que ela ficasse mais determinada, e as técnicas que Kritanu lhe ensinara começaram a fluir em seus músculos como uma luva bem calçada.

Quando Vitória recobrou o equilíbrio, o vampiro estava procurando por ela, inadvertidamente abrindo seu peito para a estacada certa. Ela o atingiu, sentiu o ruído familiar e deu um passo atrás, enquanto ele se desintegrava em poeira.

Respirando com dificuldade, ela olhou para o outro homem, que não se movera. Ele a observava com um sorriso contraído,



mas não se alterou. Em vez disso, ajeitou seu casaco e olhou para ela, com cintilantes olhos negros.

— Veio preparada, não? — perguntou, andando tranquilamente ao longo do outro lado da mesa. E foi se aproximando, mas com calma. Inofensivo e sem ameaças.

— O que está fazendo aqui? — Vitória queria algumas respostas, antes de feri-lo com a estaca. Não podia ser coincidência que ambos tivessem escolhido aquela noite para visitar as salas de Sebastian; e, pela quantidade de poeira existente, além da limpeza do cômodo, ela não tinha dúvidas de que era a primeira visita de alguém.

— Simples curiosidade — ele parou, porque o sofá estava entre os dois. — Isso foi o que restou do infame Cálice de Prata; eu estava interessado em conhecer o lugar que pertenceu a Sebastian Vioget.

As presas dele não eram salientes; seus olhos, de um cinza comum.

— Você o conhece?

O vampiro, não mais alto do que a maioria dos outros homens em Londres, tinha cabelos de um castanho banal, penteados de maneira a deixar o rosto bem descoberto. Seu nariz, um pouco grande demais para permitir que seu rosto fosse atraente, era arredondado na ponta como um bulbo de alho. E suas sobrancelhas, retas, não passavam de tiras estreitas sobre seus olhos. Ele balançou a cabeça em resposta à pergunta. — Receio que não tenha tido o prazer de conhecer o senhor Vioget. E, pelo que soube, não estou bem certo de que, agora, isso possa acontecer.

— Há meses, não vejo um vampiro em Londres — Vitória comenta, olhando para ele. — Desde que Lilith foi embora, levando seus seguidores com ela. Ela mandou você de volta para se assegurar de que poderia retornar com segurança?

Ele observou a moça por um instante e então o reconhecimento surgiu em seus olhos escuros. Não vermelhos... ainda não. Eram normais. Ele era bem semelhante a qualquer outro cavalheiro inglês, exceto por suas roupas mal-ajambradas. — Você é Venadora?

Vitória curvou a cabeça, em sinal de confirmação.

Os olhos se estreitaram, pensativamente. — Que honra seria levá-la a Nedas! Ele me recompensaria regiamente.

Um sobressalto de antecipação a percorreu. — Você poderia tentar, com certeza. Estou segura de que Nedas, seja ele quem for, apreciaria seu martírio.

— Não sou tão voluntarioso com meu querido companheiro que se foi — ele replicou. — Mas sou muito mais forte e rápido.

Então estava lá, atravessando a sala, mais próximo dela, procurando por sua garganta. Vitória se esquivou, mas ele agarrou seu braço e, de fato, era bem forte.

Ela tentou se safar, na mira dos olhos subitamente vermelhos e brilhantes dele, e sentiu o sofá contra suas pernas. Fingiu que tropeçava, esquivou-se e acertou-lhe um golpe que o desequilibrou. Ele a seguiu, bem perto, às suas costas, sem dar a ela a chance de recuperar o fôlego, e ela soube que a próxima coisa a fazer seria virar-se, para encará-lo.

Levantando sua estaca na altura do ombro, ela levantou o rosto para olhar para ele, pronta para abatê-lo e vacilou. *Filipe.*

Era Filipe.

Foi como se o corpo dela se congelasse e, em seguida, pegasse fogo. A estaca escorregou de seus dedos frouxos e ela deixou escapar um grito, quando ele a empurrou, derrubando-a no chão. No tapete, engolindo poeira e, apavorada, respirando com dificuldade, Vitória olhou para cima, na direção da figura que pairava sobre ela. Como?

Mas não foi Filipe que se inclinou em sua direção. Foi o mesmo homem indescritível, agora com olhos cintilantes e a boca transformada em uma linha, de pura determinação.

Ela tateou, à procura de sua estaca... seguramente não havia rolado para longe do tapete. Ele estendeu as mãos para ela, que se esquivou, subitamente presa contra a borda do sofá. Ela sentiu algo sob seu quadril, arredondado, duro e longo, e deu uma reviravolta, recuperando o prumo e agarrou a estaca.

A força de seu movimento o desequilibrou, e Vitória tomou impulso para ficar em pé, a estaca na mão. Ela se virou, usando o impulso de sua perna para girar como um chicote, alterando seu centro de equilíbrio, quando enfiou a estaca no centro do peito dele. Deu um pulo para trás, se afastando para vê-lo virar pó sobre o chão.

Nada aconteceu.

E ele a atacou novamente, sua boca desenhando um sorriso assustador, selvagem.

Vitória recuou, em choque, desabando para trás, ao tropeçar no canto levantado do espesso tapete persa. Caiu no chão, batendo a cabeça na parede, e ficou ali olhando para o homem de olhos vermelhos que avançava em sua direção.

Calmo e firme, ele se movimentou e Vitória mal podia acreditar que o atacara, conseguira enfiar uma estaca em seu peito e *nada acontecera*. Nem sangue nem poeira... ele simplesmente veio atrás dela, de novo.

Enquanto ela se preparava para fazer com que ele se estatelasse contra a parede acarpetada, segurando a estaca para outra investida, o rosto dele se virou, novamente, para ela.

— Filipe? — ela chorou baixinho.

— Venadora! — ele disse, se inclinando na direção dela. — Agora venha... relaxe... eu não vou machucar você.

— Não! — ela brandindo a estaca, com toda sua energia.

Ela o impediu de continuar, fincando a estaca de madeira no corpo dele, mas ele não se desintegrou. Seus movimentos ficaram mais lentos... porém, ele não morreu. Com um grito de pavor e desespero, ela usou a estaca e sua mão para empurrá-lo. A estaca não causava nenhum efeito e ela tratou de escapar.

Precisava de outra arma. A pistola em seu bolso... ela a sacou, mirou na criatura e puxou o gatilho. A explosão provocou um solavanco na arma em sua mão, e a bala se estatelou contra o peito de seu agressor.

A parte mais atenta dela não se surpreendeu quando ele mal parou... se reequilibrou e veio na direção dela.

Vitória se atirou no sofá, freneticamente procurando por algo que poderia ser usado como arma... mas o quê?

Ele era tão rápido, tão forte... ela não tinha chance.

Ele estava atrás dela, em cima dela e eles rolaram no chão, batendo nos móveis. A delicada bandeja de prata que acomodava garrafas de conhaque e xerez se espatifou sobre o tapete, derramando os líquidos aromáticos.

Em meio a uma névoa de choque e pânico, a mente de Vitória oscilava entre um emaranhado de possibilidades, da necessidade de sobreviver à raiva, por ter sido pega de surpresa. Sentiu a pesada bandeja em suas costas e enroscou os dedos na fina beirada. Não muito segura do que estava fazendo, Vitória levantou o objeto acima de sua cabeça, batendo com ele no crânio do homem que se inclinava para ela.

Ele cambaleou, perdeu o equilíbrio; ela ainda segurava a bandeja. Procurando apoio no sofá, ele se atirou na direção dela, com os olhos voltando a ficar de um vermelho fulgurante, a boca em um ricto sombrio.

Vitória murmurou uma oração e sacudiu a bandeja e, com ela, atingiu fortemente o pescoço dele, separado da cabeça com aquele golpe improvisado, mas poderoso.

Os olhos dele se reviraram, enquanto sua cabeça rolava para o chão e Vitória se protegeu, esperando, tremendo, sua respiração ofegante como se ela houvesse lutado com 10 vampiros.

Enquanto ela observava, o rosto dele se alterou... encolheu-se e afundou, adquirindo uma textura de couro marrom com os olhos se afundado e a boca seca, e então virou uma coisa encarquilhada e negra... depois fundiu-se com o chão e desapareceu.